



TATAÍRA ZAVASKI

“O que restou de tudo isso? Sou menos que uma voz...” - reflexões sobre a morte como acontecimento em *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol –Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador prof. Dr. Valdir Prigol

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 09/12/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Valdir Prigol (UFFS)

Prof. Dr. Luciano Melo de Paula (UFFS)

Prof.^a Me. Roselaine de Lima Cordeiro

Prof. Dr. Eric Duarte Ferreira (UFFS)

“O que restou de tudo isso? Sou menos que uma voz...” - reflexões sobre a morte como acontecimento em *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum¹

Tataíra Zavaski²

tatairazvk@gmail.com

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão da obra *Cinzas do Norte* (2005), de Milton Hatoum, a partir da morte como acontecimento. Nele, buscamos compreender as repercussões e os efeitos de sentido que se desenvolvem na referida obra a partir do acontecimento. Como ponto de partida descrevemos, no primeiro momento, o “Acontecimento” na obra *Cinzas do Norte*. Na sequência, trazemos a historicidade de outras obras literárias em que o acontecimento da morte precipitou a narrativa, como em *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, e *Grande Sertão: Veredas* (1956), de João Guimarães Rosa, além de outras citadas no texto. Por fim, se propõe um embasamento teórico como um modo de compreender a narrativa a partir desse viés. Para esse percurso construímos um diálogo com textos de Maurice Blanchot, Georges Didi-Huberman, Walter Benjamin, Gilles Deleuze e Jonathan Culler, críticos contemporâneos que entendem a noção de acontecimento como imprescindível no estudo do literário e como construtor de sentidos para a experiência da leitura.

Palavras chave: Literatura. Acontecimento. Morte. Efeitos de sentido. Montagem de memórias.

Introdução

No romance *Cinzas do Norte*, o escritor Milton Hatoum, enreda personagens que fazem parte da alta sociedade e da periferia da cidade de Manaus. O livro é muito potente, pois o autor descreve as personagens e os ambientes de forma intrigante. Por meio do texto, Hatoum nos leva a conhecer o povo, a relação entre as personagens e nos faz perceber a cidade sob uma perspectiva distinta. Os detalhes da leitura nos fazem visitar o lugar e conhecer essa história, seu povo, suas personagens. Apesar de a história ser fictícia, o autor cria um jogo em que leitor e obra interagem, e quem lê sente-se parte da história, devido ao poder de sua escrita.

¹Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no Componente Curricular Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador Prof. Dr. Valdir Prigol.

² Estudante do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* Chapecó.

Na obra são tratados temas como a decadência familiar, a busca identitária, a ditadura, o convívio de filhos de empresários com órfãos da periferia, artistas locais, o ambiente do Colégio Pedro II e o contexto social dos anos 1950 a 1980. Como é possível perceber no seguinte trecho:

Só fui tornar a encontrá-lo em meados de abril de 1964, quando as aulas do Ginásio Pedro II iam começar depois do golpe militar. Os bedéis pareciam mais arrogantes e ferozes, cumpriam a disciplina à risca, nos tratavam com escárnio. Bombom de Aço, o chefe deles, mexia com as alunas, zombava dos mais tímidos, engrossava a voz antes de fazer a vistoria da farda: “Bora logo, seus idiotas: calados e em fila indiana”. (HATOUM, 2010, p. 9, aspas do autor).

De acordo com Silva (2017), Milton Hatoum é um escritor amazonense que está em destaque na literatura brasileira contemporânea. *Cinzas do Norte* é seu terceiro romance que foi publicado em 2005 e conquistou cinco prêmios: Prêmio Portugal Telecom, Grande Prêmio da Crítica APCA (2005), Prêmio Jabuti (2006) de Melhor Romance, Prêmio Livro do Ano da CBL e Prêmio BRAVO! de Literatura. As obras de Milton Hatoum já foram traduzidas para doze línguas, publicadas em catorze países e adaptadas para o cinema e televisão.

Além disso, suas obras provocam a imaginação sobre os lugares descritos e perpassam por questões sociais que afetam toda população. O mundo que aparece nas recordações das personagens abrange desde a periferia até os palacetes, tanto as rodas da alta sociedade como os barzinhos de bairro. Com isso, Silva (2017) descreve Hatoum como um autor que faz os leitores repensarem o literário:

Esse aspecto pode, igualmente, ser observado nas demais obras de Hatoum, que imprime qualidade de linguagem à sua obra e demonstra capacidade de envolver o leitor em discussões atuais, por meio da escrita de um tempo não contemporâneo ao nosso, conduzindo o leitor à reflexão sobre as relações familiares e seus conflitos, aos temas vinculados à cultura, como o contato entre pessoas de origens diferentes e a miscigenação. Consequentemente, aborda as relações de alteridade, questões de identidade, memória, a (in)tolerância ao outro, o papel da mulher estrangeira e a condição da mulher indígena. (SILVA, 2017, p. 12).

O acontecimento de destaque em *Cinzas do Norte* é a morte do artista chamado Raimundo, mais conhecido como Mundo: um rapaz querido por todos, de personalidade forte, ativista da população e das causas ambientais de Manaus. Sua constante revolta contra o sistema imposto pelo regime militar e, principalmente, pelos desmandos do empresário Trajano Matoso, seu próprio pai, fez com que ganhasse a simpatia da população da periferia e

conquistasse o apoio de todos que o conheciam, para suas causas e, principalmente, para sua arte.

“Mundo gostava da Vila Amazônia?”³

“Gostava e não queria gostar, era estranho. Quando criança, vivia metido nas casinhas de Okayama Ken: queria brincar com a criançada pobre. Jano arrastava o menino para casa. Meu marido detestava qualquer diversão. Mundo ficava sozinho na varanda, olhando o rio, desenhando. Acho que ele gostava, sim, da Vila Amazônia, mas dizia que a miséria estragava a beleza da natureza. Morreu com essa revolta...” (HATOUM, 2010, p. 220, aspas do autor).

Quando Mundo morre, a vida de todas as personagens se transforma. É o fim de uma fase. Lavo, seu melhor amigo, recebe uma carta em que Mundo manifesta o desejo de reescrever a própria vida. Incentivado por Ran, seu tio, Lavo começa a montar essa viagem ao passado, desencadeada pelo acontecimento derradeiro da morte de Mundo.

No percurso desse trabalho enfatizaremos, primeiramente, o acontecimento da morte na obra *Cinzas do Norte*, e a forma como ela afetou a vida das personagens. Na sequência, mencionaremos como o acontecimento da morte surge em outras obras conhecidas da literatura. Por fim, o intuito é refletirmos sobre como o acontecimento nos ajuda a pensar a literatura.

1. A morte como acontecimento em *Cinzas do Norte*

No romance *Cinzas do Norte*, algo que chama a atenção do leitor, logo no início, é o acontecimento que move toda a narrativa: a morte do artista Mundo. A partir desse acontecimento toda a narrativa passa a ser construída, pois, Lavo, o melhor amigo de Mundo, sente a necessidade de conhecer a verdade e o desejo de reconstruir a vida de Mundo e sua própria vida - que passa a ter novo significado. No início do romance, o autor descreve trechos da carta que Mundo deixou ao seu amigo de toda uma vida.

“Pensei em reescrever minha vida de trás para frente, de ponta-cabeça, mas não posso, mal consigo rabiscar, as palavras são manchas no papel, e escrever é quase

³ É interessante frisar que no livro *Cinzas do Norte*, os diálogos e falas dos personagens estão sempre entre aspas.

um milagre...Sinto no corpo o suor da agonia”, é o que se lê pouco antes do fim. Na margem da última página, estas palavras: “meia-noite e pouco”. Talvez tenha morrido naquela madrugada, mas eu não quis saber nem a data nem a hora: detalhes que não interessam. Uns vinte anos depois, a história de Mundo me vem à memória com a força de um fogo escondido pela infância e pela juventude. (HATOUM, 2010, p. 7, aspas do autor).

Com base nesse acontecimento da morte do amigo, algo tão forte, de grande carga significativa, Lavo traz ao conhecimento do leitor fatos do passado, mudanças e transformações que surgiram com o tempo. O narrador faz uma tentativa de dar conta do acontecimento. A morte de Mundo se define como o motor de toda a narrativa. Deleuze (1998) afirma que a forma como se apresenta o acontecimento é o que ocasiona o problema e define suas condições, uma vez que o passado e o futuro estão em função desse “presente definitivo”, isto é, “[...] o devir ilimitado torna-se o próprio acontecimento, ideal, incorporeal, com todas as reviravoltas que lhe são próprias, do futuro e do passado, do ativo e do passivo, da causa e do efeito”. (DELEUZE, 1974, p. 15).

É interessante frisar que, pelo recorte de reconstrução de memórias, logo no título do romance, se percebe isso. O termo “cinzas” também equivale a lembranças, algo distante e fragmentado. Pode também servir de metáfora para toda narrativa, afinal, tudo que restou, foram as cinzas, que serviram de base para a construção de memórias. Tal palavra provoca um sentimento nostálgico, uma lembrança ou saudade de um tempo perdido, um tempo que se foi.

O acontecimento da morte impactou as personagens, visto que todos ali sentiram isso como um pouco de si que estava se exaurindo. A pessoa que morre deixa atrás de si as reminiscências dos outros, as recordações que formam a memória. As vidas não foram mais as mesmas, restaram somente restos, cinzas do que se foi. Os sentidos que se produzem decorrem do acontecimento que, por sua vez, são expressos naquilo que acontece e no momento que acontece.

Ao ler o texto de Milton Hatoum, um dos sentimentos que mais se destaca ao leitor é essa ânsia que o narrador/personagem Lavo sente ao receber a carta do falecido amigo de “atar uma ponta da vida a outra”, como no romance machadiano, *Dom Casmurro*. O intrigante é pensar e ler as páginas percebendo a forma como ele monta esse quebra-cabeças, acionando as memórias, reconstruindo o passado, “nem que seja de ponta cabeça” como o amigo fala na carta. Nesse percurso, Lavo descobre a si mesmo, as verdades guardadas nas memórias suas e das outras personagens que, com isso, o ajudam acrescentando peças a esse quebra cabeças e adicionando perspectivas distintas às suas. A partir daí os fatos se elucidam, não somente sobre o amigo Mundo, mas sobre Lavo e todos os participantes dessa história.

A morte de Mundo, tão jovem, desperta lembranças nas personagens do romance, já que todos querem relembrar e esclarecer fatos que ficaram no passado e que parecem influenciar o momento presente. Nesse sentido, Lavo, que surge como o narrador principal, realiza uma montagem de memórias em que tenta compreender, além das causas e consequências, a lógica do passado, os motivos de tudo ter ocorrido da forma como ocorreu e perceber as histórias possíveis. Fica evidente que ele se utiliza dos discursos de outras pessoas para compor sua memória, ou seja, suas interpretações não são individuais.

Benjamin (1987), em seu texto *O narrador*, destaca o papel do narrador na literatura. É inegável que grande parte da carga do enredo e desenvolvimento do romance recai sobre o narrador. É dele o papel de situar o leitor, elucidar as situações, transmitir os acontecimentos de forma correta, juntar as memórias para compor o todo, transitar no passado e no presente para esclarecer a história.

Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir e “[...] seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na realidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata.” (BENJAMIN, 1987, p. 205). O autor, ainda, afirma que existem dois tipos distintos de narrador:

A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos, “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. [...] Na realidade esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. Cada uma delas conservou, no decorrer dos séculos, suas características próprias. (BENJAMIN, 1987, p. 198-199, aspas do autor).

Em *Cinzas do Norte*, Lavo é o narrador principal que sempre viveu em Manaus e correspondeu-se com Mundo, o amigo que viveu em outros lugares. No entanto, ele reúne informações e memórias de outras personagens para contar esse passado. É importante salientar o papel que a memória tem na construção de sentidos para ressignificar a narrativa. Em sua adolescência, Lavo, escuta em uma conversa de seu tio Ranulfo e sua tia Ramira, algo que lhe chama atenção e o fez refletir sobre a literatura e perceber que as recordações e memórias são uma forma de imaginação:

Ranulfo armava uma rede nos troncos, pendurava uma lamparina num galho e ficava lendo durante a noite; quando não chovia, amanhecia ali mesmo, ao relento, o livro

aberto [...] Ele lia para mim um parágrafo ou uma frase longa, e se entusiasmava, esquecia que eu ainda era criança e não podia entender histórias complicadas [...] Lembro que, em plena tarde de um dia de semana, Ramira o encontrou lendo e fazendo anotações a lápis numa tira de papel de seda branco. Perguntou por que ele lia e escrevia em vez de ir atrás de trabalho. “Estou trabalhando, mana”, disse tio Ran. “Trabalho com a imaginação dos outros e com a minha.” Ela estranhou a frase, que algum tempo depois eu entenderia como uma das definições de literatura. (HATOUM, 2010, p. 17-18, aspas do autor).

Para o narrador principal essa afirmativa do tio serviu como um primeiro conceito do papel da literatura em sua vida. Em *Cinzas do Norte*, ele busca em suas recordações, em sua vivência e de outros personagens, as memórias para ressignificar a vida de Mundo, seu amigo desde a infância, assim como busca recuperar parte de sua infância marcada pela orfandade.

É importante enfatizar que no romance surgem as vozes de diversos narradores. Assim, a fala não pertence somente a um único narrador, trata-se de uma narrativa partilhada entre dois narradores principais, Lavo e Ranulfo, além das vozes de outras personagens que contam fragmentos da história que o narrador principal, Lavo, está relembando. A partir de então, o personagem vai montando a história. Tudo se inicia com uma carta que Lavo recebe de seu amigo. Essa carta desperta a ideia e a vontade de realizar o que seu amigo queria fazer antes da morte, como ele descreve na carta, de reescrever sua história, nem que seja “de trás para frente”.

A vida de todas as personagens, principalmente de Lavo sofre uma reviravolta com essa morte. A realidade passa a dividir-se em antes e depois. O que se busca é, a partir das cinzas que restaram, conviver e ressignificar esse novo tempo. O melhor amigo, então, sente essa necessidade de revisitar, lembrar, recontar, reconstruir a história de Mundo e, com ela, sua própria história e a das personagens que surgem em sua memória.

Li a carta de Mundo num bar do beco das Cancelas, onde encontrei refúgio contra o rebuliço do centro do Rio e as discussões sobre o destino do país. Uma carta sem data, escrita numa clínica de Copacabana, aos solavancos e com uma caligrafia miúda e trêmula que revelava a dor de meu amigo. “Pensei em escrever minha vida de trás para frente, de ponta cabeça, mas não posso, mal consigo rabiscar, as palavras são manchas no papel, e escrever é quase um milagre...Sinto no corpo o suor da agonia”[...] Ainda guardo seu caderno com desenhos e anotações, e os esboços de várias obras inacabadas, feitos no Brasil e na Europa, na vida a deriva a que se lançou sem medo, como se quisesse se rasgar por dentro e repetisse a cada minuto a frase que enviou para mim num cartão-postal de Londres: “Ou a obediência estúpida, ou a revolta”. (HATOUM, 2010, p. 7, aspas do autor).

O narrador tem a incumbência de contar o que vivencia ou presença, no tempo presente ou buscando no passado remoto. É papel dele situar o leitor acerca da história que está sendo contada. Se buscarmos o significado para a palavra narrador, e a função dele na

narrativa vamos descobrir que conforme está descrito no dicionário Houaiss (2001, p. 1996) o significado de “narrar” é expor, dar a saber, contar um fato, real ou fictício, por meio da escrita, oralmente ou por intermédio de imagens.

Coube ao narrador principal a função de lembrar o passado de Mundo e, por consequência, conforme a narrativa se desenrola, seu próprio passado. Por meio de seu discurso se apresentam os pontos de vista e os fatos narrados por Mundo e Ranulfo. Porém, sem a sua montagem dessas memórias, a história não tomaria forma e o relato não se concretizaria. A partir desse diálogo ocorrido entre os diversos narradores surge a experiência de revisitar o passado. De acordo com Huberman (2011, p. 24, tradução nossa), “[...] dialética é a palavra que emprega Platão para denominar o método que faz surgir a verdade a partir de um diálogo que é, em geral, contraditório”⁴. Esse diálogo entre personagens e narradores, em que cada um conta sua parte da história, serve para que as memórias sejam acionadas, complementadas e as recordações tomem forma para a narrativa.

Em *Cinzas do Norte*, Lavo inspira o “seu” próprio significado, a sua vida, na relação de toda uma vida com o amigo Mundo. A partir da retomada dessa relação, pelas cartas que recebeu e pelas obras guardadas, ele ressignifica sua própria vida e se sente quase que na obrigação de justificar sua vida e suas ações. Além disso, a história vai adquirindo sentido quando o narrador se baseia em outras vozes para lembrar o passado e “montar” sua história.

Ao longo da narrativa descobrimos que ele cresceu órfão, sendo criado pelos tios, Ramira e Ranulfo. Esse fato molda suas características individuais, tornando-o, de certa forma, dependente dos outros. Isso ocorre porque as pessoas estão sempre em processo de construção, as histórias e traumas do passado fazem com que as consequências se evidenciem nos comportamentos. Lavo percebe que somente suas lembranças, suas memórias, sua parte da história não constitui o todo que ele quer reconstituir. Ele precisa dessa relação, dessas recordações, desse diálogo com as outras personagens para compor o todo. Essa é uma característica evidenciada desde o início. Em sua infância, sua dependência era afetiva e financeira, ele precisava de uma família de criação. Conforme ele cresce, percebe que não é suficiente sozinho para recordar os fatos ocorridos por meio das situações que se apresentam.

De fato, ele se apresenta como órfão da própria história, organiza a montagem de memórias, no entanto depende de outros para afirmar a veracidade e a fundamentação dos

⁴Versão original: “Dialéctica es la palabra que emplea Platón para denominar el método que hace surgir la verdad a partir de un diálogo que es, en general, contradictorio”.

fatos. Lavo articula suas lembranças e elas vão se encaixando às recordações que Ranulfo e outras personagens trazem. Ele desconhece alguns fatos que vão surgindo ao longo do texto, ao encaixar as memórias. Como consequência, o narrador principal vai revelando sua essência, sua intimidade. A partir disso, os acontecimentos e os personagens são descritos sob sua perspectiva. As descrições que ele faz de outros personagens, em alguns momentos do texto comprovam isso:

As regras disciplinares o transtornavam; mesmo assim, o desleixo da farda e do corpo crescia, enraivecendo os bedéis; cabelo despenteado, rosto sonolento, mãos sujas de tinta; a insígnia dourada inclinada na gravata, o nó frouxo do colarinho, ombreiras desabotoadas. Ele usava uma meia de cada cor, arregaçava as mangas, não polia a fivela do cinturão (HATOUM, 2010, p. 10).

Certamente a história ganha forma e se concretiza a partir de Lavo. É ele que organiza a trama, descreve os lugares e personagens, localiza a história no tempo, revelando as verdades do passado.

Nesse contexto, se faz necessário salientar que, na folha de rosto do livro, Hatoum usa uma citação de Guimarães Rosa: “Eu sou donde eu nasci. Sou de outros lugares”. Essa citação traduz muito o que ocorre na trama de *Cinzas do Norte*, história a qual fala primeiramente de dois meninos, da amizade deles, das diferenças sociais, familiares e econômicas, mas que se complementavam. Mundo, que como o próprio apelido diz, queria conquistar o mundo com sua arte, ser uma pessoa do mundo; e Lavo, que sempre admirou o amigo, cresceu frequentando sua casa, porém enfrentando uma infância pobre, órfão de pai e mãe, vivendo com seus tios no Morro da Catita. Lavo, apesar de todos os problemas, sonhava em ser advogado e afirmava que queria continuar ali em Manaus, onde nasceu e cresceu.

O título do livro, *Cinzas do Norte*, como já mencionado, remete a significados como ressurgimento, como um fogo extinto e que dele só restaram cinzas, algo a ser reavivado, reconstruído. Mas, afinal, o que restou desse passado que Lavo tenta relembrar? O acontecimento da morte do amigo faz ressurgir quais sentimentos em todos? É inegável que a morte de Mundo transforma a vida de todos, provocando rupturas na história, antigas feridas se abrem e as cicatrizes marcarão para sempre a vida de todos os envolvidos.

A história que o narrador principal conta se inicia antes de seu nascimento. Dessa forma, está inerentemente ligada às pessoas e ao lugar em que tudo ocorre. Por meio de idas e vindas no tempo, Lavo monta suas memórias, consultando, além das dele, as memórias de outros personagens. Através dessa interpretação da memória, ele tem por intuito contar a

história de seu amigo e conhecer o que realmente aconteceu para que tudo chegasse a esse ponto. No entanto, nessa jornada ele acaba por descrever fatos históricos, o contexto de Manaus, a vida dos outros personagens, e por fim, a sua própria história, que é desencavada pelas reminiscências dos outros personagens.

Para construir significados para os fatos do passado, Lavo transita de sua casa na periferia para as salas do palacete, do passado para o presente e vice-versa, percebendo as experiências vivenciadas e como elas ressurgem no tempo presente para montar o mosaico. As peças da memória são reunidas para compor essa imagem e para que se possa decifrá-las, restituindo a visão do passado. Ele compreende, no entanto, que para que a memória seja completa, devem surgir as perspectivas dos vários personagens, pois a memória é traiçoeira e torna-se uma tarefa complicada fazer sozinho o cruzamento de todas essas histórias, com todas as mudanças ocorridas ao longo dos anos.

O relato que ele organiza parece ter um certo distanciamento, ocorre certo tempo depois da morte de Mundo. Nesse tempo ele tentou se recuperar, ele buscou lidar com as derrotas, com a culpa de estar longe quando o amigo faleceu e com a angústia pela covardia de conformar-se em ficar no lugar em que viveu por toda uma vida.

Como narrador, observador e testemunha da história, Lavo possui um distanciamento com os fatos ocorridos, pois não se encontra no centro dos acontecimentos. Logo, na história, ele se mostra em uma instância periférica, em que sua participação dos fatos é menor, mas indispensável para atribuir foco à narrativa. Percebe-se que ele observa, colhe informações, monta o que viu e ouviu, extrai referências dos relatos, das conversas, das cartas, lançando hipóteses sobre os fatos ocorridos em sua ausência.

Com isso, por mais que Lavo confie em suas próprias lembranças, ele tem consciência de que sozinho ele não daria conta. Assim, ele se constitui como organizador dessas memórias e procura com elas montar uma imagem junto às recordações dele e dos outros. Sabe-se que quando é usada a perspectiva individual do sujeito, muitas vezes ela se apresenta incompleta e é para ter essa perspectiva imparcial que é perceptível no narrador a crença de que não consegue pensar sozinho, que ele sente necessidade do outro, dessas memórias que farão com que a história contada crie um significado completo. As lembranças dele servem então como uma ponte referencial com outros olhares apresentados.

Dessa forma, no livro de Hatoum é criada uma intimidade entre leitor e narrador, pois quem lê sente-se parte da trama, devido às diversas vozes de que se apropria e a montagem da memória que vai se realizando. Nessas memórias e nessa criação de imagens, o que importa e

funciona para que o livro *Cinzas do Norte* seja extremamente cativante é que o leitor preenche as lacunas de acordo com o que ele percebe implícito na história contada, de acordo com as recordações das personagens e com os conhecimentos de mundo presentes em sua própria memória.

Como narrador personagem Lavo possui uma visão um tanto limitada, demonstra algumas dúvidas e percebe lacunas que ele busca sanar com as informações em conversas com outras personagens que sabem de fatos desconhecidos por ele, e que tenham vivenciado momentos em que ele não estava presente para vivenciar. Em sua descrição inicial, se percebe sua fragilidade como órfão, o que justifica seu crescimento como personagem da trama. Nas primeiras referências a ele o chamam de órfão e sobrinho de Ranulfo. Surge por parte de Alícia sua primeira descrição como indivíduo, descrição essa que esclarece comentários a ele referidos até então: “‘Lavo é muito tímido’, prosseguiu, dirigindo-se ao marido, ‘ficou órfão antes de falar ‘mamãe’. E que mãe ele ia ter’”. (HATOUM, 2010, p. 22, aspas do autor).

Percebendo as situações propostas na narrativa sob uma perspectiva distanciada, vemos o narrador principal, que obtém acesso a informações que ocorreram até mesmo antes de seu nascimento, anteriores às suas primeiras lembranças, utilizando da montagem de memórias a fim de criar uma imagem e compor o quadro total, em que cada personagem se manifesta. Ranulfo contando a Mundo sobre seu amor de toda uma vida; Ramira contando seu olhar dos fatos e exprimindo seu rancor e ciúmes; Mundo, iluminado pelas cores das artes e angustiado pela revolta com o futuro que o pai espera dele; Jano, levado pela ambição e pela necessidade de moldar seu herdeiro; e Alícia, motivada pela sede de fuga de um passado de pobreza. A montagem da memória de Lavo parece de certa forma solitária, individual, mas é guiada pelos outros.

Quando ele se lembra de Mundo, relembra a primeira vez que o viu, percebe desde o primeiro momento que o amigo não parecia se encaixar ali nesse mundo a que ele, Lavo, estava acostumado, como ele lembra no excerto a seguir:

Antes de conviver com Mundo no ginásio Pedro II, eu o vi uma vez no centro da praça São Sebastião: magricelo, cabeça quase raspada, sentado nas pedras que desenham ondas pretas e brancas [...] olhava um barco e desenhava com cara de espanto, mordendo os lábios e movendo a cabeça com meneios rápidos como de um pássaro. Parei para ver o desenho[...] dobrou o papel com um gesto insolente, me encarou como se eu fosse um intruso; de repente se levantou e estendeu a mão, me oferecendo o papel dobrado. “Mundo?”, perguntei antes de agradecer. [...] Foi o primeiro desenho que ganhei dele: um barco adernado, rumando para um espaço vazio, e toda vez que passava perto da nau *Europa*, lembrava do desenho de mundo. (HATOUM, 2010, p. 8-9, aspas do autor).

Em *Cinzas do Norte* a narrativa, como já citado anteriormente, é partilhada entre vários narradores, tendo dois como principais: Lavo e Ranulfo. Além deles, quando Lavo começa a relembrar o passado alguns fatos não estão tão evidentes em sua memória e, então, ele recorre às vozes de outras pessoas que vão lhe fornecendo informações para completar o que falta - como no caso de tia Ramira, de Naiá, de Arana, da própria mãe de Mundo, Alícia e das lembranças das conversas que teve com Jano e com Mundo.

Às vezes, na montagem das memórias, o narrador principal se apresenta de forma discreta e em outras, indiscreta. Em relação a Mundo, ele se mostra discreto, circunspecto, um tímido observador. O exemplo disso se mostra na passagem que fala da tentativa de suborno de Jano e os sentimentos de humilhação experimentados por Lavo. Isso o leva a lembrar-se do pai que não conheceu e fez com que ele se mostrasse mais atordoado:

“[...] Quero salvar meu filho, antes que seja tarde. Pensa nisso, Lavo. É um trabalho como outro qualquer”.

Ficou a espera de uma palavra ou gesto de assentimento, sem pensar na minha humilhação ou vergonha. A luz fraca me protegia. O homem me oferecendo com a mão direita um envelope cheio de dinheiro, como se quisesse compartilhar comigo o fogo do inferno moral, que era só dele. Até os olhos amarelos de Fogo me acuavam. Senti-me diminuído, atordoado, perante aquele pai que não era o meu [...]

Lembro do silêncio opressivo, que abafava o alvoroço da rua, da minha caminhada ansiosa à casinha da Vila da Ópera, da voz poderosa de um homem enfermo, atormentado pela vocação artística do filho ou, talvez, por alguma outra coisa. Nunca falei a Mundo dessa oferta generosa e infame. (HATOUM, 2010, p. 27, aspas do autor).

No entanto, com o intuito de obter informações, Lavo, por vezes, se torna indiscreto, fica à espreita, observa, questiona, ouve conversas que não lhe são direcionadas. Essas indiscrições servem para ressaltar a importância de suas memórias, demonstrar o esforço despendido para reunir informações e mais que isso: revela o tom de humanidade dos personagens, inclusive ele.

À noite, quando passei na casa de Mundo para falar com ele, não havia ninguém na sala. Lá de cima vinham vozes, e na cozinha encontrei Naiá lavando a louça do jantar.

“Teu amigo está no quarto”, disse ela. “Os pais estão discutindo. Sobe e aproveita, dá pra ouvir muita coisa.”

Parei perto da porta do quarto do casal, escutei primeiro a voz de Jano: “Não herdou uma gota do meu sangue. Menti para o piloto do avião, tirou vantagem da minha doença. É um covarde”. (HATOUM, 2010, p. 65, aspas do autor).

Se, por um lado, ao longo da narrativa, identifica-se que Lavo se esforça em juntar recordações, suas e dos outros, para montar seu próprio relato, por outro percebe-se que as vozes de outros personagens têm a função de esclarecer fatos desconhecidos por ele e, no decorrer do texto, vai se formando uma memória coletiva. Dessa maneira, ele torna-se responsável por montar essa imagem do todo:

Ranulfo estava só de calção, sentado diante de uma mesinha, batendo com a ponta de um lápis num calhamaço. Perguntei o que estava escrevendo.

“O relato sobre Mundo”, disse, triste mas orgulhoso. “Histórias...a minha, de Mundo e do meu amor, Alicia.”[...]

Antes de mais uma viagem ao rio Negro, ele me entregou o manuscrito, dizendo com ansiedade: “Publica logo o relato que escrevi. Publica com todas as letras...em homenagem à memória de Alicia e de Mundo”. (HATOUM, 2010, p. 224-225, aspas do autor).

Pela narrativa de Ranulfo, que se compõe de algumas cartas presentes entre os capítulos do livro e que Hatoum grifou-as em itálico, torna-se claro que o destinatário dessas cartas seria Mundo e que sua principal intenção era esclarecer a Raimundo fatos sobre a vida de sua mãe, do amor que existiu entre eles por toda a vida, apesar de estarem casados com outras pessoas, e enfatizar os laços que os unem, pois para Ranulfo, Mundo é como um filho. Um compreende a arte do outro, sendo, em muitas características, parecidos. O tio de Lavo é comparado várias vezes a um cigano devido à vida que leva, ou seja, sem parada e sem preocupações. Ele se interessa somente por Alicia e por seus livros, que os carrega de lá para cá, deixando a maioria na casa de Ramira, sua irmã, que sustenta ele e Lavo com as costuras que faz.

Ranulfo comenta nas cartas a origem de Alicia, mãe de Mundo, e Algisa, irmã dela que, por certo tempo, foi sua esposa. Eram duas meninas quando chegaram trazidas pelo pai, que depois as abandonou, junto à mãe, que era índia e não sabia se comunicar em português. Ambas eram lindas desde jovens, com traços de “herdeiras de uma tribo distante” (HATOUM, 2010, p. 110), como mencionava Ramira, com certo rancor. Alicia tornou-se amiga da mãe de Olavo, Raimunda, que sempre a tratou bem, diferentemente de Ramira. A amizade entre as personagens foi tão grande, que Alicia batizou o filho com o nome da amiga.

Nem tua mãe, nem Algisa tinham certidão de nascimento, não eram ninguém, apenas dois seres nesse mundo, vivendo com uma índia que também não tinha nada. [...] Meu cunhado dava para Ozéia uma paca, uma galinha, e ela preparava um guisado com macaxeira e banana verde. Ela mesma trazia uma porção de comida para nossa casa [...] e ia embora sem dizer palavra. [...] Alicia pedia sobras de

comida nas chácaras e na taberna da Saúva, e um dia, na hora do almoço, ela entrou em nossa casa e ficou parada, equilibrada numa perna olhando as panelas e os pratos sobre a mesa. Meu cunhado perguntou se queria almoçar. Ela não respondeu: foi até a mesa, enfiou a mão numa panela, pegou um pedaço de peixe e começou a comê-lo. [...]. Minha irmã Raimunda gostava da tua mãe, e elas ficaram amigas. (HATOUM, 2010, p. 113-117).

Lavo, como narrador principal, e de certa forma um narrador observador, tem um posicionamento mais objetivo em relação ao que conta, às suas descrições, pois ele não se encontra no centro do protagonismo. Ele se esforça para encaixar as peças do passado, baseado em suas lembranças de convivência com o amigo e em fatos que os outros contam. O privilégio de Lavo, como narrador, é que, ao mesmo tempo em que narra e reconstrói a história de Mundo, ele participa dela, ele a vivencia, uma vez que sua juventude e a de Mundo estão interligadas, e existem fatos que somente ele presenciou ou sabe. Além disso, por várias vezes, ele foi o interlocutor do personagem principal.

O objetivo principal, para Lavo, é conhecer os fatos, ressignificando esse tempo presente com as recordações do passado, impulsionado pela carta recebida de Mundo. Ele sente falta dessa amizade e o tempo passado longe, faz com que sinta certa culpa, mas Lavo percebe que eles eram bem diferentes. Enquanto Mundo queria conhecer e descobrir o mundo através de sua arte, ele sempre teve poucas ambições e preferiu ficar ali, na sua Manaus de origem, como é possível observar no seguinte trecho:

Mundo sabia que dificilmente eu sairia de Manaus; nas cartas que lhe enviei, insisti nesse assunto, dizendo que minha cidade era minha sina, que eu tinha medo de ir embora, e mais forte que o medo era o desejo de ficar ilhado, enredado na rotina de um trabalho sem ambição. Eu declamava, quase brincando, os versos decorados no Pedro II, que uma noite ele recitou com pompa, afogado na bebida e na esbórnica da Castanhola: “Ingrato o filho que não ama os berços do seu primeiro sol”. Ria e me provocava: “Acho que sou esse filho, mesmo sem querer ser...” (HATOUM, 2010, p. 199, aspas do autor).

Lavo relembra os encontros com Mundo, as cartas trocadas ao longo dos anos, as obras de arte, as caricaturas, tudo que as motivava, os desenhos que fazia ainda menino. A forma como sua arte fazia frente às vontades de seu pai Jano. Ademais, em sua narrativa, ele reconstrói o lugar onde cresce e vive. A comunidade Manauense que, na época, dependia muito dos barcos e da extração de juta para Jano, as modificações durante o período militar, o contexto da sociedade e das aldeias.

Lavo vive uma vida humilde na casa de sua tia Ramira. Sua família sempre teve laços com a família de Mundo os quais são explicados ao longo do texto, quando os fatos do

passado são contados, principalmente por Ranulfo e Alicia manterem um relacionamento clandestino, que acaba influenciando na vida de todos: “[...] cresci ouvindo meus tios brigarem por causa de Alicia, que tinha morado num bairro vizinho, o Jardim dos Barés. Uma história anterior ao meu nascimento que, no entanto, ainda era comentada no Morro da Catita e parecia não ter fim.” (HATOUM, 2010, p.18).

Lavo, desde pequeno, lembra da figura de Jano, um homem herdeiro de uma fortuna, construída pelo seu pai, que explorava a mão de obra da Vila Amazônia. A seu lado, seu amigo fiel, a quem seu filho sempre detestou, pois dizia que o pai valorizava mais o cão, Fogo, do que o próprio filho.

Alicia, era uma mulher muito bonita, sempre procurou, em contrapartida, proteger o filho da autoridade de Jano. Adorava a vida de luxos que levava, afinal ela mesma admitia que havia casado para sair da pobreza. Quando queria esquecer a realidade de sua vida, se excedia na bebida, exagerava no jogo e perdia fortunas. Discutia com o marido e este, pelo medo de perdê-la, relevava. Ela escondia vários segredos que vão se desenrolando ao longo da narrativa.

O melhor amigo de Mundo sempre sonhou em ser advogado. Jano, sabendo disso, pensou que Lavo seria uma boa influência para o seu filho, o qual queria transformar no herdeiro ideal, apesar de Mundo seguir para o lado oposto. Diante desse cenário, Lavo é um grande amigo de Mundo e sempre tentou apaziguar essa relação tóxica de pai e filho.

Além da revolta contra o pai, Mundo também tinha dificuldade em seguir a disciplina da escola, preferia os rabiscos e caricaturas, que os estudos. Quando ele é expulso do renomado Colégio Pedro II, Jano decide colocá-lo em um colégio militar e Mundo vai para provar que nem assim ele mudaria de ideia, de viver e conhecer o mundo das artes. O apelido Mundo, dado pelo autor do livro, parece sugerir uma amplidão que procura concentrar tudo e realmente o universo de todos os personagens da obra transitam ao redor do personagem principal, gravitam suas vidas em torno do herói Mundo.

Da mesma forma que Jano parece favorável ao sistema ditatorial da época, valorizando e desejando que seu filho se torne um oficial, estude em escolas militares, torne-se um espelho do sistema vigente, Mundo repudia e rebela-se contra o sistema, infringindo leis e regras. Apesar de aguentar calado, sem nunca mencionar a ninguém, Lavo e Ranulfo percebiam que Mundo voltava com hematomas do colégio.

O protagonista havia se envolvido com Arana, um artista local, e ia para o ateliê dele sempre que podia. Nesse local ele aprendia sobre arte e, para sua surpresa, seu pai logo ficou

sabendo. Jano não queria que o filho se misturasse com o povo local, preferia que ele mantivesse certo *status* e andasse com pessoas que ele considerava de bem, no caso, com os militares. Quanto mais Jano implicava, mais Mundo ia para o ateliê de Arana para ler ou participar da produção de uma obra de arte. Como é possível perceber ao longo da história, Arana, apesar de tomar Mundo como seu aluno, não é um exemplo de honestidade, sendo que, para fazer suas obras de arte, chega a roubar ossos de um cemitério da Vila. Alícia também procura afastar a convivência de Mundo com Arana, pois ela tem segredos do passado que podem ser revelados por ele.

O autor traz também a forma como as ideologias se apresentavam na época. Um dos momentos em que Mundo declara sua revolta não é somente dirigida contra o pai, mas sim, contra todo o sistema que considera tirânico e despreza, “[...] ou a obediência estúpida ou a revolta” (HATOUM, 2010, p. 7).

Mesmo com as descobertas sobre sua própria vida, Lavo mantém o foco na vida de Mundo, ele quer ressignificar a vida do amigo que se foi de forma tão precoce e que, mesmo eles tendo ficado distantes por muito tempo, tinha demasiada importância em sua vida. Além do resgate das memórias para compor a história de Mundo, existe um fio que perpassa pelas vozes de vários personagens que, além de contar a história individual e de outros personagens, também ajudam a situar o leitor no contexto sócio-histórico da Manaus que vivenciou o regime de ditadura militar.

Ele menciona os projetos dos militares e empresários para essa cidade nesse período e como o povo da região era explorado. Mundo, revoltado com a situação busca novas formas de afrontar o pai, para reagir a essas situações.

Mundo contou que no internato tinha pesadelos com a paisagem calcinada: a floresta devastada ao norte de Manaus. Visitara as casinhas inacabadas do Novo Eldorado, andara pelas ruas enlameadas. Casinhas sem fossa, um fedor medonho. Os moradores reclamavam: tinham que pagar para morar mal, longe do centro, longe de tudo...Queriam voltar para perto do rio. Alguns haviam trazido canoas, remos, malhadeiras, arpões; a cozinha um cubículo quente; por isso, levavam o fogareiro para a rua de terra batida e preparavam comida ali mesmo. (HATOUM, 2010, p. 109).

Ao mesmo tempo em que Lavo organiza as memórias dos personagens de *Cinzas do Norte*, ele descreve o contexto presente da época com a imposição do regime militar e os projetos de urbanização da região, em que o objetivo era controlar e lucrar, corroendo o meio

de subsistência e o *habitat* da população local. Conforme Mundo descreve, a ordenação é forçada e o preço que o povo paga é muito alto. A cidade vira ruínas pela visão do artista.

Nesse ponto, se acrescenta outro fator para os desentendimentos entre pai e filho, em que um apoia a influência militar e lucra às custas da região, e o outro se mistura com a população das periferias, defendendo os direitos das comunidades, mas também usando a situação como uma forma de retaliação dos desmandos do pai.

Esse anseio por defender seu lar ocorre em meio ao caos, às várias situações impostas, e já nasce desacreditada. Ao longo do tempo, descrito nas passagens da narrativa, a modernização ocorre imposta como uma concepção de progresso.

Subimos pelas ruas dos Educandos; na avenida Beira-Rio vimos, lá embaixo, o vazio perto do porto da Escadaria, antes ocupado por um aglomerado de palafitas.

“Sabes onde eles estão?”, perguntou Mundo.

“Eles quem?”

“Os moradores da beira do rio. Foram jogados no outro lado da cidade. A área foi toda desmatada, construíram umas casas...Sobrou uma seringueira. Quer dizer, o tronco e uns galhos...a carcaça.” (HATOUM, 2010, p. 106, aspas do autor).

Esses projetos tiveram consequências esmagadoras do ponto de vista humano e social, assim como para o ambiental. As elites empresariais e os militares impuseram seus interesses pessoais, financeiros e ideológicos. Enquanto alguns enchiam os bolsos, outros vendiam por centavos tudo que podiam negociar. Mundo e Ranulfo em sua obra “Campo de Cruzes” ilustram a invasão do concreto sobre a natureza, mostram a deterioração local, apresentam a verdadeira situação em que tudo estava se tornando um grande cemitério de cruzeiros e cinzas. Sob a visão de Mundo e Lavo, Manaus vive o terror no qual os militares intimidam a população pobre, fazendo-os viver em bairros sem as mínimas condições de infraestrutura, a natureza sendo explorada e destruída em nome de um pretenso progresso que mais destrói do que cria.

A partir de então, Mundo passa a rejeitar a cidade de Manaus, tudo ali perde sentido para ele, o coletivo perde a força e o individualismo se impõe. Nessa perspectiva, o local representa o símbolo do poder de Jano. Ir ao Rio de Janeiro ou viajar para o exterior do país representam a fuga de um pai que, para ele, é figura de autoritarismo e abuso de poder.

Quando Lavo já estava no curso de Direito, as brigas entre Jano e Mundo se tornavam frequentes, Mundo já havia sido expulso do colégio militar e o pai queria que ele fosse para um colégio interno militar. Mundo compartilha suas angústias com Lavo:

[...] “voltar para casa nunca mais. Vou topar a aposta com o meu pai Lavo. Primeiro vou realizar um dos grandes sonhos dele”, disse isso com um sorriso maldoso. “Qual é a aposta?” “Vou estudar e morar no colégio militar. Disse isso para o Arana, e ele também fez essa cara que estás fazendo. Arana tem certeza que não vou aguentar. Até sugeriu que eu viajasse para o Rio. Diz que pode me ajudar, tem uns amigos...” “Não seria melhor do que ficar aqui? Teu pai não vai parar.” “Não quero fugir. Agora quero ir até o fim.” “Até o fim, como?” “O fim da vida...da minha ou da dele. Não é a aposta que ele que fazer?” “Isso é um absurdo Mundo.” (HATOUM, 2010, p. 91-92, aspas do autor).

Por protestar contra o descaso e a exploração do povo local, Mundo e Ranulfo são perseguidos pelos militares: este é preso e espancado, levado ao hospital; e aquele consegue se esconder, no entanto sua obra de arte das cruzes vira fumaça, pois os militares incendeiam tudo. Enquanto isso, Jano volta para casa e tira todas as obras de arte e as coisas de Mundo do quarto, leva ao pátio da casa e incendeia. Mundo volta à casa e encontra Jano sozinho. Lavo, que estava procurando o amigo, ao saber para onde foi, se preocupa e teme pelo pior.

Mundo poderia se confrontar com algo mais grave, pensei, enquanto subia o beco. [...] Quando entrei na sala, vi primeiro Mundo dizendo para o pai: “por que não tiras o cinturão agora? Por que não me trancas no porão?”. Em pé, as mãos espalmadas no peito, Jano começou a recuar quando o filho avançou para cima dele. Corri, mas, antes que eu pudesse segurar Mundo pela cintura, ele cravou as mãos na camisa do pai e o empurrou com violência. “Sai daqui, Lavo, nossa conversa ainda não acabou”, gritou ele, querendo atingir o homem caído. Agarrei-o pelos braços, os olhos furiosos me encararam, pensei que ia me agredir. Não parou de gritar: “Ele não é homem para minha mãe”, enquanto eu o arrastava para a porta. Não quis me ouvir e, de mãos fechadas, berrou: “Me solta, porra. Vai lá com aquele covarde. Não és o filho que ele queria ter?”. Com um solavanco, se desgarrou e saiu devagar, olhando para o chão da sala, onde tombara o pai. Carreguei Jano até o sofá. [...] Fogo farejava a cabeça do dono. Gemeu, erguendo os olhos amarelos e murchos para mim. Peguei o pulso de Jano e senti uma palpitação fraca, demorada. Não sei quanto tempo fiquei ali, ouvindo ganidos, perto dos dois: quatro olhos que já não se encontravam. Parecia que toda uma época se deitara para sempre. (HATOUM, 2010, p. 149-150, aspas do autor).

Com a morte de Jano tudo parece desmoronar, Alicia e Mundo abandonam de vez Manaus e vão viver no Rio de Janeiro. Não bastando tal mudança, do Rio de Janeiro o protagonista viaja à Europa, porém, para viver, necessita vender arte nas ruas de Londres. Mesmo distante escreve ao melhor amigo algumas vezes. Lavo logo fica sabendo, pela empregada Naiá, que Mundo adoeceu e que Alicia foi buscá-lo. Ele, então, se prepara para visitá-lo, quando chega Ranulfo chorando e o acusando de abandonar o amigo na hora em que mais precisava. É nesse momento que ele descobre que Mundo faleceu, e que Alicia deseja falar com ele, pois tem algo a lhe entregar. São obras que retratam a Vila Amazônia e Jano. Jano é retratado com a saudade que Mundo sentia de um pai que nunca conheceu, que se

perdeu no tempo. Além das obras Mundo deixa uma carta contando a verdade, recém-descoberta, sobre seu passado. Ele conta a triste verdade sobre seu pai, contado pelos lábios de sua mãe, em uma carta que somente Lavo iria ler:

Minha mãe perguntou o que eu estava escrevendo. “uma carta para meu amigo. Quando eu terminar, entrega pra ele, só te peço isso...” Debruçou-se na cama, o cabelo sobre meu rosto...disse que ela e Ranulfo se apaixonaram na juventude. Tinha medo de viver com ele, um rapaz pobre [...] Conheceu Jano, Trajano Mattoso. “Casamos logo, do dia para noite. Naquele mês eu havia flertado com outro rapaz, queria fazer ciúmes a Ranulfo. Foi apenas uma noite”... [...] Agora expeliu esse nome na minha cara e confessou tarde demais que é esse o nome do meu verdadeiro pai. Tento lembrar cada momento no ateliê, cada conversa, cada encontro, mas só vejo o que há de pior naquele homem: a covardia, o oportunismo e uma preocupação fingida com o “aluno” que era seu filho. [...] Já não há palavras entre nós. Pensei em reescrever minha vida de trás para frente, de ponta-cabeça... [...] Esse teto baixo, paredes vazias, ausência de cor e de céu...O sol e o céu do Rio e do Amazonas...nunca mais... [...] Agora escuto minha própria voz zunindo e sinto fagulhas na cabeça e a voz zunindo, fraca, dentro de mim...Não posso mais falar. O que restou de tudo isso? Um amigo, distante, no outro lado do Brasil. Não posso mais falar nem escrever. Amigo...sou menos que uma voz... (HATOUM, 2010, p. 229-230, aspas do autor).

Em outros romances de Milton Hatoum a questão da morte também se mostra presente e é um dos motivos para relembrar o passado. Em *Dois Irmãos, Relato de um Certo Oriente* e *Órfãos do Eldorado*, o autor coloca esse acontecimento da morte como um dos eixos do livro e motivo de reflexão dos personagens principais. Esse acontecimento provoca uma releitura do passado e faz com que os personagens modifiquem suas vidas, visto que parece ser o final de uma era. Lavo, principalmente, sente de forma acentuada esse acontecimento da morte, especialmente por sentir uma culpa por não estar presente - desencadeada por Ranulfo quando vem lhe contar do falecimento do amigo:

Tio Ran tentou escapulir, talvez vexado pelo choro. Agarrei-o pelos braços, sacudindo-o, forçando-o a se sentar; ele se desvencilhou e gritou: “Não vim pedir dinheiro, só vim dizer isto: Mundo morreu seco, sozinho... [...] Por que tanta omissão, tanto descaso, nessa amizade? Tu e teu egoísmo, teus processos”, berrou, socando a papelada sobre a mesa. “O mais necessitado era o teu amigo. Trabalhas que nem Ramira: vocês não enxergam o que está além...Tudo isso é roupagem, perfumaria, perda de tempo.” (HATOUM, 2010, p. 198, aspas do autor).

Os vários narradores presentes em *Cinzas do Norte* parecem ter a função de contar a história um do outro. Ranulfo se dirige a Mundo para revelar a história de amor que viveu com Alícia e ela revela a Lavo detalhes de sua mãe e as circunstâncias do falecimento de seus

pais, além de contar a Mundo, em seu leito de morte, a verdade sobre si própria e o verdadeiro pai dele. Ramira conta sua parte com uma visão sempre negativa, culpando Alicia pelas tragédias de sua família e por fazer mal a um homem como Jano, que certamente ela amava em segredo. Segundo ela, nem Ranulfo, nem Jano conheceram realmente ela que, na sua visão, destruía tudo e todos.

Se percebe nesse relato que os narradores fazem em *Cinzas do Norte*, que os personagens vão da ascensão à queda, procurando fugir da realidade que os afoga e se deteriora. Esse fogo foi consumindo-os, destruindo a si mesmos. Mundo, que cria um “Campo de Cruzes” para destruir o pai, Jano que destrói as obras do filho, o confronto derradeiro, eles afundando nas cinzas e derrubando a todos junto a eles.

Lavo recebe do falecido amigo a tarefa de ser sua “voz”, de reescrever, recontar seu passado, montar o quebra-cabeças e revelar a verdade. Juntar as cinzas remanescentes como uma forma de remissão.

2. Atar uma ponta da vida à outra – o acontecimento

Lendo o romance *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum, uma passagem que nos ‘salta aos olhos’ é o trecho da carta de Mundo, em que ele fala do desejo de reconstruir o passado “nem que seja de trás para frente, de ponta cabeça” (HATOUM, 2010, p. 7). Em sua carta ele manifesta a intenção de encontrar novamente seu amigo, de visitar sua casa, visitar o Amazonas, apesar de saber que seu tempo está se esgotando:

“[...] O sol e o céu do Rio e do Amazonas...nunca mais...Só essas paredes, e esse cheiro insuportável...Agora escuto a minha própria voz zunindo e sinto fagulhas na cabeça, e a voz zunindo, fraca, dentro de mim...Não posso mais falar. O que restou de tudo isso? Um amigo, distante, no outro lado do Brasil. Não posso mais falar nem escrever. Amigo...sou menos que uma voz...” (HATOUM, 2010, p. 230-231, aspas do autor).

Esse fragmento lembra muito a obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, na qual o personagem Bentinho, narrador da história, fala de reconstruir o passado, atar uma ponta da vida à outra, e que é, sem dúvidas, uma das citações mais marcantes da literatura machadiana: “[...] o meu fim evidente era atar as duas pontas da vida e restaurar na velhice a adolescência.

Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente.” (ASSIS, 2004, p. 10).

Bentinho se sente só depois da morte de todos que fizeram parte da sua história, principalmente depois do acontecimento da morte de Ezequiel, o filho que ele demonstra dúvidas quanto à paternidade. Ele menciona que todos os seus amigos e conhecidos se foram, as companhias que tem agora são fugazes, amizades superficiais e que demonstram com ele certa impaciência. E, a partir disso, ele quer recriar o que se foi, resolve contar e ressignificar o passado, fazendo da narrativa uma forma de elucidar os fatos, já que a reconstrução da casa, o uso de utensílios e mobília não conseguem fazer com que ele se sinta completo:

Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o inferno não aguenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. Os amigos que me restam são de data recente; todos os amigos foram estudar a geologia dos campos-santos. (ASSIS, 2004, p. 10-11).

Da mesma forma que em *Cinzas do Norte*, na obra *Dom Casmurro* também o acontecimento que faz com que toda a trama se desenrole é a morte. No livro escrito por Hatoum, a morte do personagem Mundo provoca toda a narrativa, faz com que o personagem Lavo procure juntar as memórias, suas e dos outros para contar a história. Na obra machadiana, Bentinho usa suas próprias memórias para contar os fatos que provocaram sua solidão, que ele menciona já nas primeiras páginas da narrativa.

A morte é algo forte nas duas narrativas. Diante desse grande acontecimento o narrador reconstrói toda a vida, desde a infância até o ponto central do acontecimento. A morte causa fortes repercussões, ocasiona uma avalanche de sentimentos nas personagens que veem, a partir dela, surgir o referencial para situar suas memórias.

Quando Lavo narra a história, a presença da morte do amigo é o motor que o faz reunir as memórias. Sua existência, para a narrativa, adquire sentidos a partir das circunstâncias que ele narra, das verdades que ele busca elucidar. Sua vida e sua história somente adquirem propósito no momento em que ele conta a história de Mundo. A ausência do amigo faz com que ele próprio se sinta ausente, sua vida é atribuir sentidos para os acontecimentos passados.

O que aparece em *Cinzas do Norte* e em outras narrativas que podemos comparar, é uma ruptura, uma mudança decorrente do acontecimento principal, que faz com que se

encerre uma época e se inicie outra. Na obra de Hatoum analisada, a morte de Mundo ocasiona toda a montagem de memórias, organizadas por Lavo enquanto narrador principal. As mudanças ocasionadas pela morte de Mundo faz com que todos os personagens se modifiquem e, mais que isso, se questionem sobre o passado. Ranulfo junta as cartas para contar sua história, de Alicia e de Mundo. Lavo, por outro lado, recorda todo o passado com Mundo, a partir da infância, e vai juntando as memórias dos outros personagens para compor a história de Mundo.

Nesse caminho, sua própria história surge, o contexto da antiga Manaus que ele lembra, a história de Jano e, percebe, de acordo com sua perspectiva, que “toda uma época se deitara para sempre”(HATOUM, 2010, p. 150), restando somente resquícios para reconstrução de uma nova realidade a partir dali. A situação da própria orfandade faz com que ele busque a verdade também sobre a paternidade de Mundo e ele, com isso, consegue resgatar em seu passado a verdade acerca de seus pais.

Em *Dom Casmurro*, Bentinho, em sua solidão, procura reconstruir o passado, trazê-lo para o momento presente. Para isso ele reconstrói a casa da Rua Matacavalos tal como era, no mesmo lugar, porém percebe que não pode restituir tudo que se foi, pois não pode reconstruir a si mesmo como antes. As sombras do passado o visitam. Resolve então escrever um livro para contar os fatos do passado e tentar justificar-se quanto à sua solidão do presente e tentar viver uma vida nova com o que restou da antiga. A questão da paternidade se apresenta em *Dom Casmurro* nas dúvidas que o próprio Bentinho tem da paternidade do filho que falece sem ele saber a verdade, ele só consegue especular.

Em *Casa Velha*, também texto de Machado de Assis, o padre chega na casa de Dona Antônia, logo após a morte de seu marido, o Coronel, para investigar alguns documentos e escrever um livro. O acontecimento da morte do Coronel, que havia sido ministro de Estado e que, de certa forma, tem um passado obscuro, influencia nos fatos do presente. Nesse texto, também as recordações do passado se tornam importantes para o conhecimento dos fatos do presente, principalmente para conhecer a verdade sobre a órfã Lalau e sobre seu romance com Félix. A partir do momento em que surge a verdade, os personagens desejam uma nova vida, entretanto desencontros podem modificar suas vidas, sem possibilidade de retorno.

Em outras importantes obras da literatura o acontecimento da morte surge como modificador e como motivador da narrativa. Em *Grande Sertão: Veredas* (1956), de Guimarães Rosa, a morte de Diadorim faz com que as vidas dos personagens mudem, principalmente a vida de Riobaldo, que descobre a verdade sobre ela somente após sua morte.

Em *São Bernardo* (2004), de Graciliano Ramos, a morte de Madalena é o acontecimento que faz com que Paulo Honório compreenda a si mesmo quando reflete sobre o passado. Em *Relato de um Certo Oriente* (1989), outra obra de Milton Hatoum, a morte da matriarca Emilie é o acontecimento que ocasiona a retomada do passado por sua filha adotiva que havia chegado para visitá-la e, no entanto, precisa investigar o passado pois a mãe está morta e não pode sanar sua curiosidade.

Em todas essas narrativas mencionadas o acontecimento principal é a morte, o qual faz com que as vidas dos personagens se modifiquem, que eles compreendam fatos que antes não compreendiam e busquem uma vida nova. É, como o narrador Lavo observa, “a morte de uma época”, uma época distinta daquela que está por vir, em que os personagens conhecem o passado e podem viver sem cometer os mesmos erros. Contudo, o peso do acontecimento se faz presente e os incita a relembrar esse passado para conseguir reconstruir o futuro.

3. O acontecimento e a narrativa

Desde crianças sentimos o impulso de conhecer e narrar histórias, procurando escutar, conhecer as características dos personagens, os acontecimentos que provocam cada ação, ouvindo cada detalhe, tentando adivinhar o final, e por fim, quando chegamos ao conhecimento de toda a história, ansiamos por mais. O leitor precisa de cada vez mais histórias, mais detalhes, mais narrativas. Isso é o que move a Literatura, essa ânsia que sentimos de conhecer mais e mais. Culler menciona o poder das histórias na vida do indivíduo:

Pois as histórias também tem a função, como enfatizam os teóricos, de nos ensinar sobre o mundo, nos mostrando como ele funciona, nos possibilitando – através dos estratagemas da focalização – ver as coisas de outros pontos de vista e entender as motivações dos outros que, em geral, são opacas para nós. (CULLER, 1999, p. 89).

Jonathan Culler (1999), em seu texto “Narrativa”⁵, fala da importância cultural da Narrativa:

As histórias [...] são a principal maneira pela qual entendemos as coisas, quer ao pensar em nossas vidas como uma progressão que conduz a algum lugar, quer ao dizer a nós mesmos o que está acontecendo no mundo. [...] A vida geralmente não é

5 Capítulo do livro: *Teoria Literária: Uma introdução*.

assim. Ela segue não uma lógica científica de causa e efeito mas a lógica da história, em que entender significa conceber como uma coisa leva a outra, como algo poderia ter sucedido. (CULLER, 1999, p. 86).

No texto narrativo surge uma sequência, em que o final se relaciona com o modo como tudo se iniciou. As ocorrências vão se encaixando de forma a explicar o enredo da história. Existe, portanto, um começo, um meio e um fim, em que a continuidade de passos da história acontece e tudo ganha sentido. Culler (1999) explica os métodos de pensar o enredo:

[...] há duas maneiras de pensar o enredo. De um ângulo, o enredo é um modo de dar forma aos acontecimentos para transformá-los numa história genuína: os escritores e leitores configuram os acontecimentos num enredo, em suas tentativas de buscar o sentido das coisas. De um outro ângulo, o enredo é o que é configurado pelas narrativas, já que apresentam a mesma história de maneiras diferentes. (CULLER, 1999, p. 91).

Portanto, o autor da narrativa cria o texto, colocando os acontecimentos em uma sequência, para formar um enredo. A história será elaborada pelo modo como o autor colocou esse enredo, ou seja, a forma como ele compôs esse discurso. A partir do ponto de vista que o autor apresentou surge a história contada. Culler esclarece então que: “[...] acontecimentos, enredo (ou história) e discurso, funcionam como duas oposições: entre acontecimentos e enredo e entre história e discurso.” (CULLER, 1999, p. 91).

Quando identificamos o acontecimento que foi o fator principal, percebemos que ele foi o motor da narrativa, o qual ocasionou tudo que aconteceu na história a partir de então. Culler, observa que, com base no acontecimento, as coisas começam a evoluir de forma diferenciada: “[...] o enredo exige uma transformação. Deve haver uma situação inicial, uma mudança envolvendo algum tipo de virada e uma resolução que marque a mudança como sendo significativa.” (CULLER, 1999, p. 86).

Quando pensamos sobre ‘quem fala’, ‘para quem fala’, ‘em que tempo e com que linguagem fala’, percebemos que esses são os modos de apresentar o acontecimento, pois em toda narrativa a base é o acontecimento.

Em *Cinzas do Norte*, temos uma história, com um acontecimento intenso (morte do personagem Mundo), e tudo que ocorre é deflagrado por esse acontecimento. Quando existe a narrativa, seja ela, um conto, uma epopeia, uma crônica, uma novela ou um romance, sempre teremos um acontecimento. O acontecimento é o que move a narrativa, é o que diferencia a narrativa do teatro ou da poesia.

O romance é uma espécie de vida do acontecimento. Se percebemos que em uma crônica ocorre a descrição de um pequeno acontecimento, uma coisa breve, o conto já mostra

um acontecimento um pouco maior, que interfere na vida dos personagens por um período maior de tempo. No romance então, o acontecimento é uma vida toda, é a vida do acontecimento. Para trabalhar e analisar o acontecimento precisamos trazer toda a vida desse acontecimento, como no caso dos narradores de *Cinzas do Norte*, que trouxeram à luz toda a vida de Mundo. O romancista dá uma vida para esse acontecimento, a morte deflagra a necessidade de contar a vida do personagem. As histórias vão se complementando e o leitor então vai formando essa visão do todo, compreendendo e participando da narrativa, pois assim como Culler (1999) afirma:

As complicações da narrativa são ainda mais intensificadas pelo encaixe de histórias dentro de outras histórias, de modo que o ato de contar uma história se torna um acontecimento na história – um acontecimento cujas consequências e importância se tornam uma preocupação principal. Histórias dentro de histórias dentro de histórias. (CULLER, 1999, p. 05).

O acontecimento é toda a vida da narrativa e assim como interfere na vida das personagens, como foi o caso, principalmente, do narrador Lavo, transforma a vida do leitor e a forma como ele percebe a literatura. Deleuze (1974), na obra *Lógica do Sentido*, nos descreve como filhos dos acontecimentos, e cita como os acontecimentos nos modificam.

O brilho, o esplendor do acontecimento, é o sentido. O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera. Segundo as três determinações precedentes, ele é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece. Bousquet diz ainda: “Torna-te o homem de tuas infelicidades, aprende a encarnar tua perfeição e teu brilho”. Não se pode dizer nada mais, nunca se disse nada mais: tornar-se digno daquilo que nos ocorre, por conseguinte, querer e capturar o acontecimento e por aí renascer, refazer para si mesmo um nascimento, romper com seu nascimento de carne. Filho de seus acontecimentos e não mais de suas obras, pois a própria obra não é produzida senão pelo filho do acontecimento. (DELEUZE, 1974, p. 86, aspas do autor).

Nesse sentido, Lavo torna-se o filho do acontecimento. A partir da morte do amigo Mundo, ele se transforma no protagonista dessa busca, o responsável por trazer à tona os fatos do passado e expor as repercussões que o acontecimento provocou. Ele rompe as barreiras de sua acomodação para realizar o que o amigo queria no final da vida: contar sua história. Na realidade, o brilho do acontecimento incide sobre a vida de todos, e é a partir dele que Lavo renasce e se transforma em alguém melhor.

O acontecimento nos empurra para várias direções, porque a interpretação que fazemos dele influencia em nossas vivências e nos marca, pois diante de uma narrativa

lembramos de outras coisas, acionamos memórias, fazemos com que o literário ganhe novos significados. Deleuze (1974) esclarece que o acontecimento gera consequências que estão enraizadas ao passado, ao que existia antes do acontecimento. Assim, sendo, passado e futuro estão interligados a esse fato. O que vem em seguida a isso ele denomina de *Devir*:

Na medida em que se furta ao presente, o devir não suporta a separação nem a distinção do antes e do depois, do passado e do futuro. Pertence à essência do devir avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo: Alice não cresce sem ficar menor e inversamente. O bom senso é a afirmação de que, em todas as coisas, há um sentido determinável; mas o paradoxo é a afirmação de que, em todas as coisas, há um sentido determinável; mas o paradoxo é a afirmação dos dois sentidos ao mesmo tempo. (DELEUZE, 1974, p. 05).

Deleuze enfatiza a importância do acontecimento, algo imprescindível para o desenvolvimento deste trabalho. Falando sobre *Alice no país das Maravilhas*, o autor relembra a forma como Alice caindo no poço é colocada diretamente no acontecimento. Em outras palavras, acontecimento é a parte central da trama, o motivo que faz com que tudo ganhe sentido. Assim, a repercussão do acontecimento é o que motiva a narrativa.

Pêcheux define o acontecimento como o ponto de encontro de uma atualidade e de uma memória. O acontecimento ganha sentido com a memória passada. Ele coloca o acontecimento como “o que ocorre”, algo que causa uma ruptura entre o que ocorreu antes e o que virá a partir desse momento: “[...] não se pode ir a quatro caminhos quando se vai direto ao essencial [...] prefiro me esforçar em avançar entrecruzando os três caminhos que acabo de evocar (o do acontecimento, o da estrutura e o da tensão entre interpretação no interior da análise do discurso).” (PÊCHEUX, 2002, p. 18-19).

Sendo assim, o acontecimento é o fato marcante que faz com que as coisas tenham sequência. A partir dele, passado e futuro ganham sentidos diferentes. O acontecimento marca como uma cicatriz, provoca desejos de saber, de ressignificar, de reconstruir, de contar, de narrar. Essa cicatriz provoca lembranças e reflexões acerca do que a provocou. Pela perspectiva do acontecimento os tempos passado, presente e futuro perpassam e implicam um no outro. Um não coexiste sem o outro e é por isso que o narrador transita entre os tempos para buscar sentido a partir do acontecimento.

No livro *Cinzas do Norte*, o acontecimento que marca a vida de todos, é a morte de Mundo. Esse fato, certamente de grande peso na história, marca para sempre a vida de todos. De certa forma, as pessoas nunca mais se recuperaram e a transformação que ocorreu em suas vidas a partir de então foi significativa.

De acordo com Deleuze, todo acontecimento parece ser da ordem da negatividade. Ele se questiona: “[...] por que todo acontecimento é do tipo da peste, da guerra, do ferimento e da morte?” (DELEUZE, 1998, p. 88). O fato é que a morte foi algo marcante, e fez com que os narradores buscassem no passado as origens que ocasionaram esse acontecimento principal, investiguem de que forma todos os fatos levaram a essa ocorrência e especulem quais sentidos surgem a partir dele.

Blanchot, em seu texto, *O direito à Morte* (1997), explica sobre a repercussão do acontecimento da morte na narrativa e como, depois desse acontecimento marcante, tudo parece evoluir para uma evidente modificação:

Minha palavra é a advertência de que a morte está, nesse exato momento, solta no mundo, que entre mim, que falo, e a pessoa que interpele aquela surgiu subitamente: ela está entre nós como a distância que nos separa, mas essa distância é também o que nos impede de estar separados, pois nela reside a condição de todo entendimento. Somente a morte me permite agarrar o que quero alcançar; nas palavras, ela é a única possibilidade de seus sentidos. Sem a morte tudo desmoronaria no absurdo e no nada. (BLANCHOT, 1997, p. 312).

A falta das pessoas que se foram, e o impacto dessa falta, faz com que a narrativa ganhe novo significado. O passado não pode ser restituído, tudo sofreu a transformação causada pela morte. Persiste somente esse desejo de trazer de volta o que já não faz mais sentido. Blanchot exalta:

Mas algo estava ali e não está mais. Algo desapareceu. Como encontrá-lo, como me voltar para o que é antes, se todo o meu poder consiste em fazer o que é depois? A linguagem da literatura é a busca desse momento que a precede [...] é a presença das coisas, antes que o mundo o seja, a perseverança das coisas depois que o mundo desapareceu, a teimosia que resta quando tudo desaparece e o estupor que aparece quando não há nada [...] a minha consciência sem mim. (BLANCHOT, 1997, p. 312-313).

Em *Cinzas do Norte*, a ausência do amigo faz com que Lavo se sinta ausente também, de certa forma, sua vida é atribuir sentidos para os acontecimentos passados, de uma vida que existia antes e depois da morte de Mundo.

[...] quando falo, a morte fala em mim [...] ela está entre nós como a distância que nos separa, mas essa distância é também o que nos impede de estar separados, pois nela reside a condição de todo entendimento [...] ela é a única possibilidade de seus sentidos. Sem a morte, tudo desmoronaria no absurdo e no nada. (BLANCHOT, 1997, p. 312).

Para iniciar a ressignificação e fazer descobertas do passado os narradores iniciam uma jornada que surge a partir do acontecimento da morte. A morte é o ponto de partida para as transformações do presente. É necessário diferenciar a realidade antes e depois do acontecimento da morte:

Para falar, devemos ver a morte, vê-la atrás de nós. Quando falamos, nós nos apoiamos num túmulo, e esse vazio do túmulo é o que faz a verdade da linguagem, mas ao mesmo tempo, o vazio é realidade e a morte se faz ser. Existe ser – isto é, uma verdade lógica e expressável – e existe um mundo porque podemos destruir as coisas e suspender a existência. [...] define-as, torna-as finitas, e é nesse sentido que é realmente a obra da morte no mundo. Mas, ao mesmo tempo, após ter negado as coisas em suas existências, ela as conserva em seu ser; faz com que as coisas tenham um sentido, e a negação que é a morte, é também a chegada do sentido, a compreensão em ação. (BLANCHOT, 1997, p. 323-325).

Dessa forma, o acontecimento demarca o momento da verdade em que todos os pontos se voltam para ele e ele reflete em todos que o rodeiam. Através do acontecimento se forma uma projeção do que está por vir. A marca é de algo que ocorreu, de fortes repercussões, de maneira inesperada e procura-se, então, juntar nas cinzas o que disso ficou e o que virá a partir de tal momento.

4. Considerações Finais

No percurso das reflexões acerca do romance *Cinzas do Norte* algumas questões nortearam esse trabalho. Inicialmente, percebeu-se o aspecto da importância fundamental da identificação do acontecimento principal para a narrativa, visto que, como analisado na escrita de tal pesquisa, o acontecimento da morte foi o que possibilitou e precipitou toda a narrativa.

A partir do momento da morte de Mundo todo o universo dos personagens se transforma, principalmente para o narrador Lavo. Ele começa sua jornada a partir da carta que seu amigo Mundo lhe deixou. O acontecimento da morte do amigo foi e é algo muito forte em sua vida. A cada lembrança, cada reconstituição do passado, ele busca, na memória, honrar o amigo. As perspectivas distintas dadas pelo conjunto de informações e de narradores faz perceber que cada indivíduo vivenciou seus momentos de forma diferenciada, mas que, no final, tudo se encaixou para formar essa memória.

Esse movimento entre passado e presente é uma das características das obras de Milton Hatoum e todo o enredo dessa obra surge a partir do acontecimento principal, que incita o narrador a ressignificar a vida de Mundo e sua própria vida. A perspectiva do acontecimento morte transita em outras obras literárias, como algumas citadas nesse estudo: *Dom Casmurro*, *Casa Velha*, *Grande Sertão: Veredas*, entre outras da literatura.

Na sequência desse estudo foram mobilizados alguns textos que tratam sobre a noção de acontecimento e morte na literatura. Para isso, autores como Culler (1999), Blanchot (1997), Deleuze (1974) e Pêcheux (2002) foram mencionados, além de textos que propõe um conceito sobre o espaço que o narrador ocupa na narrativa, como na proposta de Benjamin (1987).

Nesse sentido, esperamos que tenha sido alcançado o objetivo de propor a reflexão referente ao acontecimento da morte em *Cinzas do Norte*, com a devida fundamentação teórica sobre o tema. O principal ponto de destaque e de estudo desse trabalho é o acontecimento na obra literária, mantendo o foco principalmente em *Cinzas do Norte*, mas foram citadas diferentes obras de destaque da literatura, na intenção de observar em outras narrativas como ele ocorreu.

A morte como acontecimento em *Cinzas do Norte*, humanizou os personagens, uma vez que todos ali sentiram essa morte como um pouco de si que estava se esgotando. A pessoa que morre deixa atrás de si as reminiscências dos outros, as recordações que formam a memória. O mundo não foi mais o mesmo, sobraram somente restos, cinzas do que se foi.

Referências

- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Gold Editora, 2004.
- _____. **Casa Velha**. Rio de Janeiro: L & PM Books, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, Editora da Universidade de São Paulo, 1974.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem**. São Paulo: 34, 2013.

_____. **Ante el tiempo**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2011, p. 210.

HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Relato de um Certo Oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

LUKÁCS, George. **A teoria do romance**. Editora: Duas Cidades. São Paulo, 1965.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 3 ed. Campinas: Pontes, 2002.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 80 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SCRAMIN, Suzana. **Relato de um certo oriente: recordar o presente. In Literatura do presente**. Chapecó: Argos, 2007.

SILVA, Francisca Andréa Ribeiro. **Cinzas do norte e órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum: vozes narrativas e alteridade na construção das personagens femininas** – 2017. Orientador: Sylvia Maria Trusen. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança, Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, Bragança, 2017.

RESUMEN: Este trabajo propone una reflexión de la obra *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum, a partir de la muerte como acontecimiento. En el, buscamos comprender las repercusiones y los efectos de sentido que se desarrollan en la referida obra a partir del acontecimiento. Como punto de partida describimos, en el primer momento, el “Acontecimiento” en la obra *Cinzas do Norte*. En la secuencia, se buscó la historicidad de otras obras literarias en las cuales el acontecimiento de la muerte precipitó la narrativa, como en *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, y *Grande Sertão: Veredas* (1986), de João Guimarães Rosa, además de otras mencionadas en el texto. Por fin se propone un embasamento de las teorías como una manera de comprender la literatura a partir de esa concepción. Al fin y al cabo de todo ese camino se construyó un diálogo con textos de Maurice Blanchot, Georges Didi-Huberman, Walter Benjamin, Gilles Deleuze y Jonathan Culler, críticos contemporáneos que entienden la noción de acontecimiento como imprescindible en el estudio del literario y como constructor de sentidos para la experiencia de la lectura.

Palabras clave: Literatura. Acontecimiento. Muerte. Efectos de sentido. Montaje de recuerdos.